10.22481/redupa.v5i5.21091

ARTIGO

AS FRONTEIRAS SIMBÓLICAS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO

SYMBOLIC GENDER BOUNDARIES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: A CASE STUDY

LAS FRONTERAS SIMBÓLICAS DE GÉNERO EN LA EDUCACIÓN INFANTIL: UN ESTUDIO DE CASO

Felipe Fabricio Genuino Sampaio[1] 0000-0001-7133-2641
Francione Charapa Alves[2] 0000-0002-8405-8773
Cicero Edinaldo dos Santos[3] 0000-0002-7353-8229

[1]Universidade Federal do Cariri – Brejo Santo, CE, Brasil; felipefabricio555@gmail.com.
[2]Universidade Federal do Cariri – Brejo Santo, CE, Brasil; francione.alves@ufca.edu.br.
[3]Universidade Federal do Cariri – Juazeiro do Norte, CE, Brasil; ciceroedinaldo@live.com.

RESUMO:
Este artigo objetiva analisar as fronteiras simbólicas de gênero com foco na experiência profissional de um docente da Educação Infantil. Para isso, adota abordagem qualitativa, com estudo de caso e a Análise Temática de uma entrevista realizada com um professor que atua nesse nível de ensino. Os resultados evidenciam que a Educação Infantil foi historicamente marcada pela feminização do magistério, fenômeno que contribui para a construção e manutenção de fronteiras simbólicas de gênero. A inserção masculina na Educação Infantil é atravessada por desafios como estranhamento institucional, desconfiança social e restrições relacionadas à ação pedagógica no cotidiano escolar. Contudo, os resultados também evidenciam processos de resistência, aprendizagem colaborativa e afirmação da competência profissional. Conclui-se que as fronteiras simbólicas de gênero ainda influenciam a organização da docência na Educação Infantil que é permeada por estereótipos. Superá-las requer transformações culturais e institucionais que promovam uma concepção mais plural e equitativa da profissão docente.
Palavras-chave: gênero; educação infantil; docência masculina; fronteiras simbólicas de gênero.

ABSTRACT:
This article aims to reflect on gender issues with a focus on the professional experience of a teacher in Early Childhood Education. To this end, it adopts a qualitative approach, using a case study and Thematic Analysis of an interview conducted with a male teacher working at this educational level. The results show that Early Childhood Education has been historically marked by the feminization of teaching, a phenomenon that contributes to the construction and maintenance of symbolic gender boundaries. Male participation in Early Childhood Education is crossed by challenges such as institutional strangeness, social distrust, and restrictions related to pedagogical action in daily school life. However, the results also reveal processes of resistance, collaborative learning, and affirmation of professional competence. It is concluded that symbolic gender boundaries still influence the organization of teaching in Early Childhood Education, which is permeated by stereotypes. Overcoming them requires cultural and

RECEBIDO: 02 de junho de 2026 APROVADO: 27 de outubro de 2026 PUBLICADO: 06 de novembro de 2026

institutional transformations that promote a more plural and equitable conception of the teaching profession.
Keywords: gender; early childhood education; male teaching; symbolic gender boundaries.

RESUMEN:
Este artículo tiene como objetivo analizar las fronteras simbólicas de género, centrándose en la experiencia profesional de un docente de Educación Infantil. Para ello, adopta un enfoque cualitativo, mediante un estudio de caso y el Análisis Temático de una entrevista realizada a un profesor que trabaja en este nivel educativo. Los resultados evidencian que la Educación Infantil ha estado históricamente marcada por la feminización del magisterio, fenómeno que contribuye a la construcción y el mantenimiento de fronteras simbólicas de género. La incorporación de hombres a la Educación Infantil está atravesada por desafíos como el extrañamiento institucional, la desconfianza social y las restricciones relacionadas con la práctica pedagógica en la vida cotidiana escolar. No obstante, los resultados también evidencian procesos de resistencia, aprendizaje colaborativo y afirmación de la competencia profesional. Se concluye que las fronteras simbólicas de género siguen influyendo en la organización de la docencia en la Educación Infantil, la cual está permeada por estereotipos. Superarlas requiere transformaciones culturales e institucionales que promuevan una concepción más plural y equitativa de la profesión docente.
Palabras clave: género; educación infantil; docencia masculina; fronteras simbólicas de género.

Introdução

Ao longo da História, a Educação Infantil tem sido marcada por um processo de feminização do magistério. Esse fenômeno consolidou-se a partir de uma associação construída entre o ato de educar crianças pequenas e a dimensão do cuidado, tradicionalmente atribuída às mulheres. Nesse contexto, a Educação Infantil passou a ser compreendida não apenas como espaço de ação pedagógica, mas também como ambiente de assistência e proteção, reforçando o imaginário social de que o cuidado infantil constitui uma extensão das funções maternas.

Em decorrência dessa construção histórica, a presença de homens atuando como professores na primeira infância ainda provoca estranhamento social, frequentemente acompanhado de preconceitos e desconfianças acerca de sua ação pedagógica. No Cariri cearense, observa-se que a presença de professores nos anos iniciais do Ensino Fundamental é relativamente comum. Todavia, quando se trata da Educação Infantil, essa realidade se modifica de modo significativo. Nessa etapa, verifica-se a predominância expressiva de professoras, sendo que, em alguns Centros de Educação Infantil, toda a equipe gestora e de docentes é composta exclusivamente por profissionais do sexo feminino. Desse modo, mantém-se a lógica histórica de feminização do trabalho docente com crianças pequenas.

A conjuntura regional sinaliza para a necessidade de investigar como se constitui a experiência profissional de professores do sexo masculino que atuam na Educação Infantil,

especialmente em contextos nos quais sua presença é minoritária ou socialmente percebida como excepcional. Ao considerar a espacialidade do Cariri cearense, torna-se relevante compreender os processos por meio dos quais esses professores constroem suas trajetórias profissionais e legitimam sua ação pedagógica em um campo historicamente associado ao feminino. Diante disso, coloca-se o seguinte problema de pesquisa: de que modo se constitui a experiência profissional de um professor no exercício da docência na Educação Infantil?

Do ponto de vista científico, a pesquisa se justifica pela necessidade de articular os estudos de gênero e docência na Educação Infantil, especialmente em contextos regionais do interior do Ceará, ainda pouco explorados na literatura especializada. A reflexão acerca da experiência profissional contribui para ampliar o debate acerca das construções sociais de gênero e de seus impactos nas ações pedagógicas. Além disso, colabora para a produção de conhecimento situado, ao ampliar a compreensão das dinâmicas educacionais que perpassam a vida pessoal e profissional dos sujeitos.

Sob a perspectiva social, torna-se relevante, ao problematizar as concepções que ainda incidem sobre os homens que atuam como professores na Educação Infantil. Ao evidenciar as experiências vividas por um profissional, pode contribuir para a desconstrução de estereótipos de gênero e para a promoção de uma concepção mais equitativa da docência. Dar visibilidade à presença masculina nessa etapa de ensino implica reconhecer a importância da diversidade de referências para as crianças, bem como favorecer a construção de ações pedagógicas menos condicionadas por normatizações de gênero.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo analisar as fronteiras simbólicas de gênero com foco na experiência profissional de um docente da Educação Infantil.[1]

Metodologia

Esta pesquisa se caracteriza como uma investigação de abordagem qualitativa, na medida em que busca analisar as experiências vivenciadas no exercício da docência masculina na Educação Infantil. Trata-se de uma abordagem que privilegia a análise de aspectos subjetivos, contextuais e interpretativos, valorizando a singularidade do fenômeno investigado, conforme apontam Lüdke e André (2018).

Optou-se pela utilização do estudo de caso, método amplamente empregado na

[1] Vale ressaltar que essa pesquisa é fruto de um projeto financiado pelo Cnpq, intitulado *Interseccionalidade e gênero na educação superior,* desenvolvido no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Unviersidade Federal do Cariri-CE, coordenado pela professora Francione Charapa Alves e tendo como bolsista o estudante de Pedagogia Felipe Fabricio Genuino Sampaio.

abordagem qualitativa. Segundo Yin (2015), o estudo de caso é "uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto, especialmente quando os limites entre fenômeno e o contexto não estão claramente definidos" (p.18). O estudo de caso se caracteriza pela investigação detalhada de uma unidade específica, que pode ser uma pessoa, um grupo, uma instituição ou uma situação, com o objetivo de apreender sua complexidade e singularidade. Desse modo, pode possibilitar uma análise intensiva do fenômeno investigado, valorizando os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas próprias experiências.

Ao focar na trajetória profissional de um professor na Educação Infantil, no contexto do Cariri cearense, o estudo de caso permite aprofundar a compreensão de suas experiências vividas, entendendo-as não como algo isolado, mas como expressão de dinâmicas sociais, culturais e institucionais mais amplas. Para alcançar esse aprofundamento analítico, a entrevista apresenta-se como uma técnica particularmente adequada, pois possibilita acessar as concepções atribuídas pelo próprio sujeito à sua experiência.

Por meio da entrevista, o pesquisador pode explorar dimensões subjetivas e contextuais do fenômeno investigado, favorecendo uma compreensão mais densa e aprofundada da realidade analisada. Conforme destacam Lüdke e André (2018), a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas de coleta de dados "é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos" (p.39).

Diante do exposto, neste estudo de caso, a obtenção e o registro das informações ocorreram por meio de uma entrevista, orientada por um roteiro previamente elaborado, composto por questões abertas relacionadas à experiência profissional de um professor que atua na Educação Infantil no município de Crato, localizado na região do Cariri cearense.

A entrevista foi realizada em ambiente virtual, sendo gravada mediante consentimento do participante e, posteriormente, transcrita na íntegra para fins de organização e análise do material empírico.

Para a seleção do participante foi feito um mapeamento de professores que estivessem atuando na educação infantil em duas cidades da região do Cariri. Escolha feita com base na inserção profissional de uma das pesquisadoras, como resultado, localizou-se um professor atuando nesta etapa no município de Crato, o qual já vinha atuando há dois anos como regente na etapa de ensino em discussão. Nas outras duas cidades, foram localizados professores homens atuando apenas em turmas de ensino fundamental. Em seguida, o professor mapeado foi consultado e convidado a participar da pesquisa, prontamente aceitando. Após o aceite, a entrevista foi marcada para o dia 16/07/2025, no período da tarde (13h00), o momento foi

conduzido por dois bolsistas do projeto e teve duração de aproximadamente 40 minutos. Apesar da entrevista ter tido uma duração curta, o fato de ter ocorrido por videoconferência e sido guiada por um questionário de perguntas abertas, tornou o momento mais produtivo e leve, possibilitando a expansão de perguntas e respostas, quando necessárias, bem como, deixou o entrevistado mais confortável, corroborando para um momento sem tensões e com diálogos fluídos e progressivos.

Contudo, como aponta Gil (2025), a riqueza das informações obtidas por meio da entrevista exige um tratamento analítico rigoroso e sistemático, a fim de que os relatos produzidos sejam devidamente organizados, interpretados e convertidos em informações significativas.

À luz dessa postulação metodológica, adotou-se a Análise Temática como técnica analítica, que de acordo com Braun e Clarke (2006) pode ser utilizada a partir de diferentes perspectivas epistemológicas e questões de pesquisa, sendo utilizada para identificar, analisar e interpretar padrões de significado (temas) em um conjunto mais amplo de dados. Segundo Gil (2025), a Análise Temática "organiza e descreve o conjunto de dados em detalhes, possibilitando mapear as ideias e os conceitos neles presentes e identificar regularidades nos discursos dos participantes" (p. 87).

O tema refere-se a "algo relevante sobre os dados em relação à questão de investigação e representa algum nível de resposta padronizada ou significado dentro do conjunto de dados" (Gil, 2025, p. 88). Todavia, nesse tipo de análise, diferentemente de outras abordagens, a frequência de ocorrência de um tema não significa necessariamente que ele seja mais importante do que os demais. Nesse processo, a interpretação e as escolhas analíticas do pesquisador desempenham papel fundamental na identificação e na definição dos temas.

A Análise Temática constitui-se como um processo interpretativo que envolve um movimento constante de idas e vindas entre o conjunto de dados e os interesses do estudo (Braun; Clarke, 2006). De modo geral, essa técnica compreende as seguintes etapas: 1) familiarização com os dados, que envolve a leitura aprofundada do material; 2) geração de códigos iniciais, a partir da identificação de dados relevantes; 3) busca por temas, mediante o agrupamento dos códigos; 4) revisão dos temas, verificando sua coerência e consistência com os dados; 5) definição e nomeação dos temas, refinando o significado dos dados; e 6) produção do relatório analítico, etapa em que os resultados são organizados e interpretados à luz do referencial teórico da pesquisa.

Nesse estudo, após a transcrição completa da entrevista, procedeu-se à leitura e à familiarização com os dados obtidos, etapa na qual foram identificadas diferentes referências à

experiência profissional do entrevistado. Após o processo de codificação do material empírico, emergiram dois temas centrais: 1) a inserção do professor na Educação Infantil; 2) ressignificações da ação pedagógica na Educação Infantil**.** Esses temas articulam-se em torno de um nível latente de interpretação, orientado por um foco central: a experiência profissional docente.

O estudo de caso foi conduzido em conformidade com os princípios éticos que orientam pesquisas envolvendo seres humanos, assegurando a participação voluntária e esclarecida do participante, previamente informado acerca dos objetivos, procedimentos e da possibilidade de desistência a qualquer momento, sem quaisquer prejuízos. Garantiu-se o sigilo das informações e a confidencialidade das informações agrupadas, preservando sua identidade por meio da atribuição de um nome fictício – Professor Lírio –, bem como da supressão de quaisquer aspectos que pudessem possibilitar sua identificação, em consonância com as diretrizes éticas vigentes para pesquisas na área das Ciências Humanas e Sociais.

Resultados e Discussões

No campo educacional, torna-se fundamental articular análises de caráter mais amplo, voltadas para processos sociais, culturais e institucionais que estruturam determinadas realidades, com estudos que se debruçam sobre contextos e sujeitos específicos. Perspectivas de caráter macro permitem compreender tendências, regularidades e dinâmicas mais gerais que atravessam determinados fenômenos educacionais. Contudo, é nos estudos de caso que essas dinâmicas ganham materialidade, tornando visíveis os modos concretos pelos quais tais processos são vividos, negociados e ressignificados no cotidiano.

Por conseguinte, a aproximação entre o geral e o particular possibilita aprofundar a compreensão do fenômeno investigado, além de evidenciar nuances, tensões e singularidades que frequentemente permanecem invisíveis em análises exclusivamente panorâmicas. Entre os aspectos que podem ser evidenciados a partir desse tipo de abordagem, destacam-se as fronteiras simbólicas de gênero na Educação Infantil, conforme será discutido a seguir.

Entre suspeitas e pertencimentos: a inserção do professor na Educação Infantil

Segundo Larrosa (2025), a experiência não se limita ao simples viver de situações ou ao acúmulo de acontecimentos, mas refere-se àquilo que produz sentido no sujeito e desencadeia processos de reflexão e transformação. “A experiência é, em primeiro lugar, um encontro ou

uma relação com algo que se experimenta, que se prova" (Larrosa, 2025, p. 26). O sujeito da experiência, por sua vez, é entendido como:

> [....] um sujeito "ex-posto". Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a "o-posição" (nossa maneira de opormos), nem a "imposição" (nossa maneira de impormos), nem a "proposição" (nossa maneira de propormos), mas a "exposição", nossa maneira de "ex-pormos", com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se "ex-põe". É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (Larrosa, 2025, p. 26).

À luz dessa perspectiva, a experiência profissional docente não pode ser compreendida apenas como o tempo de permanência na profissão ou como a repetição de práticas pedagógicas ao longo da carreira. Experiência é aquilo que acontece ao sujeito e que, ao acontecer, transforma. Assim, ser professor implica ser tomado e atravessado por distintas experiências e, nesse percurso, produzir sentidos sobre o que se vive, o que se faz e o que se sente em diferentes tempos e espaços da prática educativa, nos diversos níveis, modalidades e etapas da educação escolar, entre as quais encontra-se a Educação Infantil.

De acordo com Fonseca, Colares e Costa (2019), o conceito de Educação Infantil no Brasil passou por transformações significativas, evoluindo de uma visão meramente assistencialista ou higienista para o reconhecimento como a primeira etapa da Educação Básica. Atualmente, o objetivo central da Educação Infantil é o desenvolvimento integral da criança, abrangendo seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais. A Educação Infantil, realizada em creches e pré-escolas, atua de forma complementar à ação da família e da comunidade, buscando garantir que a criança usufrua de seus direitos civis e sociais enquanto vivencia sua infância.

Refletir sobre a experiência profissional docente na Educação Infantil implica, necessariamente, problematizar as fronteiras simbólicas de gênero que atravessam essa etapa da Educação Básica. De acordo com Louro (2011), o gênero não deve ser compreendido como um dado natural ou biológico, mas como uma construção social, histórica e cultural produzida nas relações de poder. A autora afirma que homens e mulheres não nascem prontos em termos de masculinidade e feminilidade; ao contrário, tornam-se sujeitos generificados por meio de processos sociais que instituem normas, expectativas, comportamentos e formas de estar no mundo. Nessa perspectiva, o gênero se constitui como uma categoria relacional, pois é produzido nas interações sociais e nas práticas cotidianas que definem o que é considerado apropriado ao masculino e ao feminino.

Além de ser uma categoria relacional presente no cotidiano social, o gênero também opera como um dispositivo regulador das identidades, criando e delimitando fronteiras simbólicas que impõem comportamentos, profissões e espaços socialmente legitimados para homens e mulheres. Conforme Prá e Cegatti (2016), a própria história da instituição escolar no Brasil reflete tentativas de construção e manutenção dessas fronteiras.

Historicamente, as profissões socialmente reconhecidas como intelectuais, produtivas e de maior prestígio foram predominantemente ocupadas por homens, enquanto às mulheres foram destinadas atividades relacionadas ao cuidado, à assistência e à educação das crianças. À medida que as mulheres passaram a ocupar o espaço escolar, inicialmente como estudantes e, posteriormente, como professoras, sobretudo no ensino voltado às crianças, difundiu-se a concepção de que o ensino seria uma extensão de suas supostas "aptidões naturais". Conforme destaca Menezes (2022), paulatinamente, a inserção feminina na docência contribuiu para a concepção dessa atividade como uma função semelhante àquela desempenhada por mães e mulheres no espaço doméstico. Desse modo, a Educação Infantil se constituiu historicamente como uma etapa de ensino majoritariamente associada à atuação feminina.

Embora se observe, na contemporaneidade, um movimento de maior inserção feminina em "cursos masculinizados" e, igualmente, de homens em cursos "tradicionalmente feminilizados", essa presença não ocorre de maneira isenta de tensões. Como apontam Sampaio e Alves (2025), as desigualdades de gênero extrapolam o âmbito da formação acadêmica e se estendem ao mundo do trabalho, de modo que os cursos de graduação não garantem, automaticamente, equidade nas oportunidades profissionais. Assim, ainda que os dados quantitativos possam sugerir avanços, as experiências vivenciadas por homens e mulheres evidenciam a permanência de desigualdades e assimetrias nas trajetórias formativas e profissionais.

No contexto específico da Educação Infantil, essa disparidade torna-se ainda mais evidente. De acordo com o Censo da Educação Básica de 2024, atuam nessa etapa cerca de 687 mil docentes. "Trata-se da etapa de ensino com o maior percentual de docentes do sexo feminino, com 96,1% (97,1% na creche e 93,9% na pré-escola)" (Brasil, 2025, p. 42). Esses números evidenciam uma expressiva assimetria de gênero e indicam que a presença masculina nessa etapa está longe de configurar uma realidade nacional consolidada. Ao contrário, trata-se de uma participação estatisticamente reduzida, circunstância que contribui para que a atuação de homens na Educação Infantil seja frequentemente percebida como excepcional e, não raramente, envolta em estranhamentos.

Nesse contexto, a presença masculina pode se tornar alvo de desconfianças e

resistências, como se a Educação Infantil não constituísse um espaço legítimo para a ação pedagógica exercida por homens. Essa concepção reforça a permanência de representações sociais que associam o cuidado e a educação das crianças pequenas exclusivamente ao universo feminino, mantendo ativas fronteiras simbólicas que delimitam quem pode, ou não, ocupar esse campo profissional.

Conforme destacam Prado e Anselmo (2019), as desigualdades e discriminações de gênero que estruturam os processos de socialização de homens e mulheres afetam ambos os grupos. As mulheres, ao ocuparem à docência na Educação Infantil, são frequentemente enquadradas em expectativas que reduzem sua atuação à maternagem e ao afeto, como se o "amor" fosse suficiente para suprir as demandas pedagógicas próprias da infância. Por outro lado, os homens que ingressam nesta etapa encontram limitações quanto ao lugar que podem ocupar nas relações de cuidado, sendo frequentemente interpelados por suspeitas.

Diante desse panorama, impõe-se a necessidade de uma reflexão crítica que questione a naturalização dessas divisões e promova movimentos de ruptura com a lógica socialmente consolidada. Contudo, essa ruptura não se efetiva de forma imediata nem isolada. Trata-se de um processo gradual, complexo e multifacetado, que envolve transformações culturais, institucionais e subjetivas, bem como a revisão de construtos sociais profundamente enraizados no imaginário coletivo, entre eles as fronteiras simbólicas de gênero.

A fim de compreender o processo de inserção do Professor Lírio na Educação Infantil, foi-lhe dirigida a seguinte questão: *"O que te motivou a escolher e a continuar como professor da Educação Infantil?"*. Em sua resposta, o professor afirmou que sua inserção nessa etapa de ensino não decorreu, inicialmente, de uma escolha orientada por afinidade específica com a primeira infância. Todavia, foi redimensionada a partir da prática.

Conforme relatado, sua chegada à Educação Infantil ocorreu de maneira circunstancial, ao ser direcionado pela Secretaria Municipal de Educação após aprovação em concurso público para o cargo de pedagogo. Sua formação inicial é em Educação Física, tendo cursado posteriormente Pedagogia como segunda graduação. Ao assumir o cargo efetivo, passou a atuar na Educação Infantil, permanecendo nessa etapa até o momento atual.

Esse percurso demonstra que sua entrada nessa etapa de ensino não esteve, a princípio, vinculada a uma suposta vocação para o trabalho com crianças pequenas, mas a uma dinâmica institucional de alocação profissional. Mais do que um dado biográfico, essa inserção circunstancial revela um aspecto relevante para a análise: a construção da identidade docente não se estabelece como um processo linear ou exclusivamente vocacional, mas como resultado de interações entre trajetórias individuais e arranjos institucionais. A permanência do Professor

Lírio na Educação Infantil indica que, mesmo tendo ingressado por contingência administrativa, ocorreu um processo gradual de apropriação do espaço profissional, de reelaboração de expectativas e de consolidação de sua ação pedagógica.

No que concerne ao processo de adaptação inicial, o Professor Lírio relatou ter enfrentado alguns desafios, sobretudo *"por ser homem em um espaço majoritariamente feminino"*. Segundo seu relato, em determinados momentos não se sentia plenamente acolhido naquele ambiente. Essa percepção de estranhamento advinha tanto de colegas de profissão e membros da gestão escolar quanto de setores da comunidade externa.

O relato do Professor Lírio dialoga diretamente com o referencial teórico anteriormente apresentado, que aponta como a Educação Infantil permanece marcada pela naturalização da presença feminina. A baixa representatividade masculina, evidenciada pelos dados do Censo da Educação Básica (Brasil, 2025), contribui para que a presença de homens nessa etapa de ensino seja frequentemente percebida como excepcional, produzindo tensões de cunho institucional e social

Entre limites e travessias: ressignificações da ação pedagógica na Educação Infantil

Em relação aos desafios e potencialidades na ação pedagógica, o Professor Lírio destacou que, ao adentrar nessa etapa de ensino, atuou em turmas de Infantil I e Infantil II. Nesse período, houve a necessidade de estabelecer, junto à equipe gestora, acordos relacionados a determinadas práticas cotidianas, especialmente aquelas vinculadas aos cuidados mais íntimos das crianças. Segundo ele, "*ficou acordado que atividades como a higiene pessoal das crianças seriam de responsabilidade exclusiva das cuidadoras das salas"*. Essa delimitação foi estabelecida com o intuito de evitar possíveis constrangimentos ou interpretações equivocadas acerca de sua atuação.

Esse relato evidencia como o cuidado na Educação Infantil ainda se encontra fortemente generificado. A restrição da participação masculina em atividades relacionadas à higiene infantil denuncia não apenas uma medida preventiva de natureza institucional, mas também a permanência de desconfianças que recaem sobre homens em contextos de cuidado corporal.

Essa situação dialoga com as reflexões de Prado e Anselmo (2019), ao afirmarem que as desigualdades de gênero não afetam apenas as mulheres, frequentemente enquadradas em expectativas de maternagem, mas também os homens, que encontram limitações quanto aos lugares que podem ocupar nas relações de cuidado. No caso analisado, observa-se que o

professor precisou negociar sua ação pedagógica dentro de fronteiras simbólicas previamente estabelecidas. Sua experiência no exercício da docência foi atravessada, desde o início, por processos de vigilância, delimitação e negociação de funções, evidenciando como as construções sociais de gênero influenciam diretamente as possibilidades de ação pedagógica.

Dando sequência à entrevista, foi-lhe dirigida a seguinte pergunta: *"Quais são as principais dificuldades que você enfrenta diariamente ao atuar nessa etapa de ensino (Educação Infantil)?"*. Em resposta, o Professor Lírio afirmou:

> Inicialmente, percebo que muito vem da nossa cultura. Foi uma surpresa quando cheguei à minha primeira instituição: não fui bem recebido, pois era um contexto composto apenas por professoras. A presença de um professor homem causava estranhamento. Permaneci na instituição para tentar desmistificar os preconceitos existentes. Esse preconceito ainda é uma realidade, não só aqui, mas em todo o Brasil. Somente na instituição atual percebi que não havia olhares diferentes para professores homens (Professor Lírio).

O primeiro aspecto que merece destaque no relato do Professor Lírio é a referência direta à dimensão cultural. Ao afirmar que *"muito vem da nossa cultura"*, o professor aponta para o caráter socialmente construído dos preconceitos que atravessam sua experiência profissional. Trata-se de um fenômeno que não se limita a atitudes individuais, mas que se ancora em padrões coletivos consolidados. Os olhares de estranhamento mencionados pelo professor Lírio, tanto internos quanto externos à instituição, evidenciam a permanência de um imaginário social que associa a Educação Infantil à figura feminina.

Ao ampliar sua fala para além do contexto local, afirmando que o preconceito *"não é só aqui, mas em todo o Brasil"*, o Professor Lírio relaciona sua experiência profissional a um processo estrutural mais amplo, vinculado à própria organização histórica da Educação Infantil no país. Essa interpretação dialoga com as reflexões de Louro (2011), ao evidenciar que as profissões não são neutras, mas socialmente construídas e atravessadas por expectativas atribuídas aos gêneros. Tais expectativas produzem diferenciações e hierarquias que se manifestam em distintos contextos institucionais, inclusive nas escolas brasileiras.

No imaginário social, determinadas funções são consideradas incompatíveis com o que se entende como "ser homem". De acordo com Menezes (2022):

> [...] não basta que o sujeito 'seja homem', é preciso que ele se afaste e se contraponha ao 'feminino' [...] assim como causa 'pânico social' o ato de o menino brincar de boneca, também há desconforto social quando o homem exerce uma profissão fora do 'masculino padrão' e coloca em risco sua virilidade (Menezes, 2022, p. 78).

À luz dessa perspectiva, quando um homem exerce a docência na Educação Infantil, ele passa a ocupar um espaço simbolicamente atribuído às mulheres, o que pode gerar

questionamentos acerca de sua competência profissional e, inclusive, de sua masculinidade. O relato do Professor Lírio demonstra que, em determinados momentos, sua presença foi marcada por suspeitas e estranhamentos que extrapolam o âmbito estritamente pedagógico, alcançando dimensões subjetivas e sociais.

Contudo, sua permanência na instituição *"para tentar desmistificar os preconceitos existentes"* evidencia um movimento consciente de resistência e afirmação profissional. Sua experiência profissional revela que a ação pedagógica masculina na Educação Infantil exige constante negociação simbólica de pertencimento e reconhecimento, bem como a reafirmação contínua de legitimidade em um espaço socialmente generificado.

Ainda no intuito de compreender sua concepção acerca das dificuldades enfrentadas na ação pedagógica, foi-lhe questionado: *Você acredita que há diferenças em relação à sua ação pedagógica e à das outras professoras?* Em resposta, o professor afirmou: *"Diferença não existe. Temos que exercer o mesmo papel docente. Não vejo diferenças, exceto no modo como a sociedade enxerga a presença masculina na Educação Infantil"* (Professor Lírio).

A sua resposta demonstra uma concepção de docência fundamentada na dimensão profissional e não no gênero. Ao afirmar que *"diferença não existe"*, o Professor Lírio enfatiza que a ação pedagógica deve ser orientada por princípios formativos e didáticos comuns a todos os professores, independentemente do gênero. Todavia, ao reconhecer que a diferença reside *"no modo como a sociedade enxerga a presença masculina"*, explicita que, embora não haja distinções na ação em si, há impactos simbólicos decorrentes do imaginário social. Dessa maneira, mesmo que a ação pedagógica não se altere em função do gênero, o contexto social pode influenciar a maneira como o seu trabalho é legitimado.

Como ressalta Oliveira (2013), a etapa da Educação Infantil, em virtude das necessidades orgânicas e emocionais próprias das crianças pequenas, exige uma relação de maior proximidade entre docente e discente. Situações como choro, quedas, necessidades de higiene e demandas afetivas fazem parte do cotidiano dessa etapa, estreitando as dimensões do cuidar e do educar na ação pedagógica. Todavia, assim como aponta Louro (2011), essa articulação indissociável entre cuidado e educação, embora pedagogicamente reconhecida como essencial, acaba reforçando a concepção de que as salas de Educação Infantil devem ser regidas por mulheres, podendo gerar implicações quando o ofício é exercido por homens.

Nesse direcionamento, questionou-se: *"Você tem alguma dificuldade em realizar atividades com as crianças que possa estar relacionada ao gênero masculino?"* Após uma breve reflexão, ele respondeu:

> Não vou dizer que não tive no começo – tive sim. Ainda sou novo como pedagogo e, nesses anos, não tive oportunidade de permanecer mais de um ano com a mesma turma. Já tive experiências com o Infantil I, II, III e agora estou no V. Isso me limita bastante em relação à minha prática. Mas não vejo dificuldades e aprendi muito com professoras parceiras, principalmente em atividades como danças, rodas e contação de histórias. Essa dificuldade foi mais momentânea, relacionada ao fato de estar em um ambiente onde sou o único homem, e isso acaba limitando – mas não minha ação pedagógica (Professor Lírio).

O fato de não ter permanecido por mais de um ano com a mesma turma pode ter impactado a experiência profissional do Professor Lírio, considerando que, mesmo no interior da Educação Infantil, existem diferenças significativas no desenvolvimento cognitivo, motor e socioemocional das crianças conforme a faixa etária. Turmas de Infantil I e II, por exemplo, demandam maior articulação entre o cuidado físico e a ação pedagógica, uma vez que muitas crianças ainda necessitam de auxílio em atividades relacionadas à alimentação e à higiene corporal. Nesse sentido, a constante mudança de turmas pode ter exigido do professor sucessivos processos de adaptação às especificidades de cada grupo.

Apesar dessas condições, o Professor Lírio não atribui suas dificuldades ao fato de ser homem, mas à sua trajetória inicial na profissão e à rotatividade de turmas ao longo de sua ação pedagógica. Essa informação é relevante, pois desloca a questão do gênero como fator determinante da competência pedagógica e a reposiciona no âmbito da construção gradual da experiência profissional.

Outro aspecto importante em seu relato relaciona-se à valorização das professoras parceiras como mediadoras de seu processo formativo. Ao afirmar que aprendeu com elas, especialmente em atividades como dança, rodas e contação de histórias, o Professor Lírio evidencia a importância da colaboração pedagógica no interior da escola. Nesse contexto, a solidariedade pedagógica emerge como um aspecto fundamental para a superação de preconceitos historicamente construídos.

A convivência profissional e o trabalho coletivo podem contribuir para a desconstrução das fronteiras simbólicas de gênero que, por vezes, limitam a ação pedagógica de professores na Educação Infantil. A escola, enquanto espaço formativo, não deve reproduzir barreiras baseadas em distinções de gênero, mas favorecer práticas colaborativas que promovam o desenvolvimento e qualificação de todos os professores. Nessa perspectiva, Louro (2011) afirma que:

> Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e estar no mundo, formas de falar ou de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas) (Louro, 2011, p. 45).

As expectativas sociais atribuídas ao masculino e ao feminino não são naturais, mas produzidas nas relações sociais cotidianas. Por conseguinte, quando um professor, na Educação Infantil, realiza atividades como contação de histórias ou danças circulares, ele não está rompendo uma "ordem natural", mas tensionando construções sociais estabelecidas em determinados contextos.

De modo complementar, na sequência da entrevista, questionou-se ao Professor Lírio: *"Por ser homem, você acredita que tem alguma facilidade em seu exercício profissional? Se sim, cite algum exemplo".* A resposta a essa pergunta foi direta:

> Nenhuma. Tenho que exercer as mesmas funções que qualquer outra professora exerce. Na primeira instituição em que trabalhei, em uma turma integral do Infantil I, em que as crianças precisavam ser trocadas e tomar banho, recebi uma espécie de reclamação de que essas atividades não deveriam ser realizadas por mim, por ser homem. Então, decidi me precaver com relação a algumas questões do ofício. Como era um professor homem chegando agora, optei por agir com cautela. Mas nunca tive nenhum tipo de vantagem (Professor Lírio).

O relato indica que o marcador de gênero do Professor Lírio não lhe proporcionou qualquer privilégio no exercício da docência na Educação Infantil. Ao contrário, em determinados momentos, implicou restrições e exigiu uma cautela redobrada em sua atuação profissional. O fato de ter sido orientado a não realizar determinadas atividades relacionadas à higiene das crianças, por exemplo, demonstra como a desconfiança social pode afetar diretamente sua ação pedagógica.

Embora atualmente muitas instituições contem com cuidadoras responsáveis por parte dessas demandas, o episódio relatado revela que a limitação inicial não estava vinculada exclusivamente à divisão funcional da equipe, mas também ao fato de ele ser homem. Nesse sentido, percebe-se que a docência masculina na Educação Infantil se configura como um campo tensionado e atravessado por constantes ajustes e negociações institucionais.

A experiência profissional do Professor Lírio é marcada por resiliência, posicionamento crítico e desejo contínuo de formação. Inserido em um contexto atravessado por preconceitos sexistas e por uma lógica de feminização da docência na Educação Infantil, Lírio permanece há quatro anos atuando nessa etapa de ensino. Essa permanência não se deu de forma isenta de tensões. Ao contrário, implicou enfrentamento das fronteiras simbólicas de gênero que, ao mesmo tempo, contribuíram para o fortalecimento de sua ação pedagógica, compreendida aqui como processo inacabado, dinâmico e em constante ressignificação.

Ao ser questionado: *Quais foram os preconceitos ou constrangimentos vivenciados ao longo de sua trajetória profissional?* O Professor Lírio relatou:

> Palavras ofensivas eu não ouvi, mas já recebi olhares de julgamento sobre minha competência e presenciei falas de gestoras que se comunicavam apenas com professoras, ignorando minha presença. Isso me incomodava, e cheguei a fazer correções. Me posiciono, sim, porque estudo e procuro combater os preconceitos. Já ouvi também posicionamentos de gestores e professores sobre diferenciações de gênero, e procurei corrigir essas rotulações (Professor Lírio).

O relato evidencia que o preconceito não se manifestou, necessariamente, por meio de agressões verbais explícitas, mas por práticas sutis de exclusão e deslegitimação profissional. Os *"olhares de julgamento"* e as *"falas destinadas apenas para as professoras"* revelam modos simbólicos de hostilidade que operam pela desconsideração da competência profissional. Trata-se de um processo que, embora não declarado abertamente, atua na manutenção das fronteiras simbólicas de gênero, delimitando quem é considerado legítimo para se mover e estar em determinados espaços educacionais. A exclusão implícita e a suspeita quanto à competência profissional não se fundamentam em critérios pedagógicos, mas em normatizações de/para a manutenção das fronteiras simbólicas de gênero.

Contudo, ao invés de internalizar as rotulações como indício de inadequação, o Professor Lírio opta por posicionar-se, corrigir falas e confrontar diferenciações baseadas em tais fronteiras. Esse movimento é significativo, pois demonstra não apenas resistência individual, mas posicionamento ativo na desconstrução de práticas discriminatórias. Nesse sentido, Jaeger e Jacques (2017) afirmam que, de modo coletivo:

> Os professores de Educação Infantil derrubam as barreiras erguidas pela representação da masculinidade-padrão, posicionando-se em favor do exercício de masculinidades plurais. Assim, rompem com o normalizado para o seu sexo e enunciam que não existe uma única forma de viver a masculinidade, visto que sentimentos como afeto, cuidado e delicadeza também constituem o mundo masculino. Nessa perspectiva, rompem com a polarização entre o que é naturalizado como característico da masculinidade e da feminilidade, misturam noções, sentimentos e o fazer pedagógico (Jaeger; Jacques, 2017, p. 562).

De modo específico, a ação pedagógica do Professor Lírio tensiona as fronteiras simbólicas de gênero ainda presentes na Educação Infantil, especialmente no contexto do Cariri Cearense. Sua permanência na Educação Infantil mostra-se como um deslocamento simbólico que rompe com concepções excludentes acerca de quem pode exercer a docência nessa etapa de ensino.

Entretanto, um aspecto relevante emerge de seu relato ao afirmar que *"não se vê por muito tempo nessa etapa de ensino"*. Ao ser questionado: *"Que conselho você daria a outros homens que estão ingressando nessa etapa de ensino?"*, o Professor Lírio respondeu:

> Olha, acredito que os homens que decidiram cursar Pedagogia e tiverem certeza de que desejam atuar na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental devem estar

> preparados para os desafios. Eu mesmo não me vejo por muito tempo na Educação Infantil. O que posso dizer é que existe um desafio muito grande: é preciso provar constantemente que se é tão competente quanto uma mulher nesse espaço. Se é o seu desejo, você deve seguir. Não são as pessoas de fora desse contexto que devem julgar. É difícil – muitos homens ainda se sentem amedrontados por ser um espaço historicamente feminino. Mas é preciso abrir espaço para aqueles que têm afinidade e desejam atuar nessa etapa de ensino (Professor Lírio).

Seu relato mostra o medo como um aspecto presente em sua experiência profissional, manifestando-se de forma bidirecional: de um lado, homens podem sentir-se inseguros diante do preconceito social; de outro, pais e responsáveis podem demonstrar resistência em confiar o cuidado de seus filhos a um professor homem. Essa dinâmica revela que a questão ultrapassa o contexto pedagógico, inscrevendo-se em dimensões sociais mais amplas.

Além disso, o relato expõe a recorrente necessidade de comprovação da competência profissional, não em razão de insuficiências pedagógicas, mas em decorrência de pressões e expectativas externas. A exigência constante de validação demonstra que o reconhecimento profissional não ocorre de maneira automática, sendo atravessado por representações e suspeitas socialmente associadas à masculinidade.

Nessas circunstâncias, a experiência profissional do Professor Lírio, ainda em desenvolvimento, já evidencia que a docência na Educação Infantil é permeada por negociações identitárias, enfrentamento de preconceitos e pela busca contínua por legitimação profissional. Suas falas ultrapassam a dimensão individual, revelando a permanência de fronteiras simbólicas de gênero profundamente enraizadas. Ao mesmo tempo, apontam para a necessidade de transformações que envolvam não apenas o espaço escolar, mas também a comunidade e a sociedade em sentido mais amplo.

Conclusão

O presente artigo se propôs a analisar as fronteiras simbólicas de gênero com foco na experiência profissional de um docente da Educação Infantil. A partir do estudo de caso, foi possível compreender como essa experiência se constitui em meio a processos contínuos de negociação identitária, enfrentamento de preconceitos e busca por legitimação no exercício da docência nessa etapa de ensino.

Os resultados sinalizam que a inserção do professor Lírio na Educação Infantil não ocorreu de forma neutra. O estranhamento inicial, os olhares de julgamento, a necessidade de delimitação de funções relacionadas ao cuidado e a constante exigência de comprovação da competência profissional demonstram que a sua inserção foi e ainda é frequentemente percebida

como excepcional.

Os resultados também demonstram que a permanência do professor na Educação Infantil tensiona os limites e as possibilidades de travessias nas fronteiras simbólicas de gênero. Ao assumir funções tradicionalmente associadas ao feminino, como o cuidado, a afetividade e a proximidade com crianças pequenas, o professor tensiona modelos de masculinidade socialmente aceitos e contribui para ampliar as possibilidades de compreensão do que significa "ser homem". Nesse viés, sua ação pedagógica revela dificuldades e resistências presentes na Educação Infantil, mas também potencialidades para ressignificar as fronteiras simbólicas de gênero de modo mais amplo.

Os resultados do estudo evidenciam que as fronteiras simbólicas de gênero continuam operando de forma estratégica e eficaz na delimitação de lugares, funções e expectativas no campo da Educação Infantil. Essas fronteiras não se apresentam como barreiras institucionais explícitas. Ao contrário, manifestam-se de forma sutil em olhares, falas diretivas, silenciamentos e desconfianças que atuam na delimitação de pertencimentos e/ou na contestação da ação pedagógica realizada pelo professor. Superar as fronteiras simbólicas de gênero requer mais do que a presença de homens na Educação Infantil: demanda um movimento coletivo de revisão das concepções que naturalizam a Educação Infantil como atributo exclusivamente feminino.

A superação das fronteiras simbólicas de gênero se manifesta, portanto, como um passo indispensável para a construção de uma Educação Infantil mais plural, democrática e comprometida com a equidade, tanto dentro quanto para além dos muros institucionais.

Referências

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo Escolar da Educação Básica 2024**: resumo técnico. Brasília, DF: INEP, 2025.

BRAUN, Virginia.; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2. p. 77-101. 2006.

FONSECA, André Dioney.; COLARES, Anselmo Alencar.; COSTA, Sinara Almeida. da. Educação infantil: história, formação e desafios. **Educ. Form.**, *[S. l.]*, v. 4, n. 12, p. 82-103, 2019. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1270. Acesso em: 5 mar. 2026.

GIL, Antono Carlos. **Pesquisa qualitativa básica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2025.

JAEGER, Angelita Alice.; JACQUES, Karine. Masculinidades e docência na Educação Infantil. **Revista Estudos Feministas**, [S.l.], v. 25, n. 2, p. 545-570, ago. 2017. Disponível

em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026x2017000200545. Acesso em 10 jan. 2025.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2025.

LOURO, Guaraciara Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

MENEZES, Cíntia de Paula Borges. Professores homens na Educação Infantil: masculinidades, docência e desconstrução de lugares fixos. **Perspectivas em Diálogo**: **Revista de Educação e Sociedade**, v. 9, n. 20, p. 74-90, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/15309. Acesso em: 5 mar. 2026.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez. 2013.

PRÁ, Jussara Reis.; CEGATTI, Amanda Carolina. Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico. **Retratos da Escola**, *[S. l.]*, v. 10, n. 18, 2016. Disponível em: https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/660. Acesso em: 5 mar. 2026.

PRADO, Patrícia Dias.; ANSELMO, Viviane Soares. Masculinidades, feminilidades e dimensão brincalhona: reflexões sobre gênero e docência na Educação Infantil. **Pro-Posições,** [S.l.], v. 30, p. 1-21, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/MDkc9n6ndCcG5xL8rPgPbZG/?lang=pt. Acesso em 10 jan. 2025.

SAMPAIO, Felipe Fabricio Genuino; ALVES, Francione Charapa. Presença da mulher no ensino superior. **Periferia**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 1-25, 2025. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/87685. Acesso em: 5 mar. 2026.

YIN, Robert Kuo-zuir. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

Sobre os autores

Felipe Fabricio Genuino Sampaio. Docente da Rede Municipal de Brejo Santo, Ceará. Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Cariri e Especialização em alfabetização e letramento pela Faculdade Iguaçu.
Contribuição de Autoria: Escrita, revisão e análise dos dados
Lattes: https://lattes.cnpq.br/2801492533367906
Francione Charapa Alves. Doutora em Educação (UFC). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas (auto)biográficas em Formação Docente, Interseccionalidade e Currículo (GEPAFIC/CNPq).
Contribuição de Autoria: Escrita, revisão e análise dos dados
Lattes: http://lattes.cnpq.br/3924678282455249

Cícero Edinaldo dos Santos. Doutor em Educação (UFC), com estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).
Contribuição de Autoria: Escrita, revisão e análise dos dados
Lattes: http://lattes.cnpq.br/5893214914798763.

Como citar este artigo
SAMPAIO, Felipe Fabricio Genuino; ALVES, Francione Charapa; SANTOS, Cicero Edinaldo dos. As fronteiras simbólicas de gênero na educação infantil: um estudo de caso. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 5 n. 5, 2026. DOI: 10.22481/redupa.v5i5.21091